Acervo ISA

CEDI
Povos Indígenas no Brasil
Fonte: O Jornal Class.: Uaimiri-Atroari 14
Data: 27/11/68 Pg.:

Helicoptero localiza maloca diferente e indios fogem rápidos para a selva

O JORNAL
MANAUS — Quarta-feira, 27 de Novembro de 1968

A FAB fez uma descoberta ontem pela manhã, que pode mudar os rumos das buscas que vem sendo realizadas na região do igarapé Santo Antonio.

Pela manhã, o helicoptero decolou de Moura, escoltado pelo Catalina, pousando na maloca da Esperança por volta das 9,30. Ali os homens do PARASAR, e mais dois tripulantes do helicoptero, auxiliado pelos sertanista Peret, da Funcação do Indio, vasculharam todo o local inclusive o interior da maloca.

Prosseguindo nas buscas, o pessoal encontrou em uma pequena barraca situada à margem do igarapé que banha a maloca uma parte do material que era conduzido pela expedição. Cêrca de 10 lampadas, 10 bocais, um par de botas semi-novas, uma saca de macarrão carne sêca estragada medicamentos diversos, pedras de isqueiros, sacos de plástico e chapéus de palha um dos quais cortado à facão, além de pedaços de algodão, foram conduzidos para bordo do helicoptero e transportados mais tarde para Moura, de onde vieram para Manaus.

Depois do vasculhamento da maloca da Esperança, que durou cerca de três horas, sem nenhum vestigio de indios ou brancos nas proximidades, o helicoptero decolou com destino à chamada maloca queimada, onde Alvaro Paulo havia ficado tomando conta de farto material da expedição, entretanto o pouso ali não foi possivel pelas condições de tempo, uma vez que fortes chuvas e ventos forçaram o retôrno imediato à base de operações.

MALOCA DIFERENTE

No percurso entre a maloca da Esperança e a queimada, os tripulantes do "sapo", descobriram uma construção ainda não concluida, completamente diferente das malocas ali existentes e que até o presente momento não havia sido observada por ninguem, apesar de se encontrar a somente 10 quilometros da maloca onde se deu o massacre.

Esta construção, apresenta um conjunto de forma poligonal, enquanto que as outras malocas conhecidas normalmente apresentam a forma circular. Ali foram verificadas as presenças de diversos indios, que correram para a mata tão logo avistaram o helicoptero, permanecendo apenas três no meio da clareira, dando a impressão de que olhavam muito para o céu. Da altura em que se encontrava a aeronave, não foi possivel aos tripulantes perceber se houvem algum aceno ou se os tres que ficaram no meio da clareira apenas demonstraram menor dose de medo que os outros.

O que está intringando muito os que acompanham os acontecimentos, é o fato de ser a construção hoje avistada, de forma poligonal. Para que isso aconteça segundo os que entendem dos assuntos indios, é necessário que haja a presença civilizada e que esta presença atue de forma decisiva entre os selvagens, forçando-os à mudança de um costume milenar que é exatamente o da construção de malocas com a forma arredondadas.

E' possivel que hoje, a preocupação do pessoal das buscas, seja verificar o que realmente está acontecendo nesta terceira maloca, onde pode se encontrar algum membro da expedição perdida.

O PLANO DE HOJE

Logo mais. o helicoptero estará decolando de Moura para a maloca, queimada onde ficou grande parte do material da expedição. A descida no local será feita através de um guincho especial, uma vez que o espaço não permite o pouso da aeronave Antes porém, uma grande parte do tempo será gasta na maloca da Esperança ,onde, segundo palavras do tenente Ribas foram encontrados fortes indicios através do material recuperado.

OUTRO "SAPO" CHEGA HOJE

As 13 horas, estará pousando em Manaus o C-130, conduzindo um outro helicoptero para auxiliar os serviços de busca. Para montagem imediata da helice do aparelho, será solicitada a ajuda do pessoal do porto de Manaus, cujo administrador, comandante Aristides Leite, já colocou o guindaste à disposição.

Ainda sem confirmação, está prevista a vinda de um avião do tipo "Bufalo", que é avião proprio para pouso e decolagem em pista curta.

Com êles haverá um grande avanço na operação, que atualmente conta apenas com dois aviões e um helicoptero para todo o serviço.

ENGENHEIRO-CHEFE DA "TRANSCON" NÃO CRÊ NO MASSACRE ATROARI

PARA o engenheiro Edemar Antonio Lorenzoni do consorcio ASTEP-TRANSCON, o pretenso massacra da Maloca da Esperança em que teria sido chacinado o padre Calleri e outros companheiros, jamais ocorreu e a expedição estaria, ou perdida na mata indescbravada entre os rios Santo Antonio e Alalaú, ou sendo pacificamente conduzida pelos proprios indios na direção de uma maloca maior, cumprindo assim mais uma etapa de sua missão pacificadora. Essa sensacional revelação foi feita à nossa reportagem, como dissemos acima, pelo dr. Edemar Antonio Lorenzoni engenheiro-crefe do consorcio ASTEP-TRANSCON que teve, sob contrato, o encargo do estudo final do trecho da rodovia BR-174, compreendido entre os quilometros 37 e 228 ou seja, 2 quilometros além da outra margem do Rio Santo Antonio do ponto onde se encontra o acampamento. Êsse estudo final compreende os projetos geométricos e geo-técnico do do empreendimento, dando custos, implantação, etc. Ao longo desse trabalho pôde aquele engenheiro obter excelente informações em derredor dos indios atroarís, tendo inclusive dialogado na manhã do dia 21 de outubro, no acampamento de Santo Antonio, com o Padre Calleri, dois dias antes dêste e seus companheiros rumarem rio acima na direção da maloca n.º 5. Localizado pela nossa reportagem, na noite de ontem, na sede da TRANSCON aquele engenheiro à principio não quiz falar, cedendo no entanto diante da nossa insistencia e terminando por nos prestar interessantes informações.

Ponto crucial nas declarações do dr. Lorenzoni é êste: na zona compreendida entre os rios Alalaú e Santo Antonio, não há sinais [illegible] curso da [illegible]. A regiã toda é povoadissima de indios, podendo êle, que a sobrevoou em largos trechos, afirmar e grosso modo que só ali se localizam umas doze malocas.

— "Antes de iniciar os nossos trabalhos, sabiamos que iriamos entrar em uma região infestada de indios e é claro que tomamos todas as precauções necessarias à segurança dos nossos homens. A nossa frente caminhava uma turma de topografia do DERAm, orgão que por sinal, nos emprestou sempre toda a coberitura de que necessitamos. Embora não tivéssemos qualquer intenção agressiva quanto aos indios nossos recursos inclusive armas para defesa de nossa gente, sempre foram os mais completos. O numero de nossos trabalhadores sempre andou perto da casa dos 100 e isso representou um fator de alta garantia, visto que os indios jamais atacam quando se sentem diante de grupamento forte bem armado. Nosso grupo falava duas vezes por dia com Manaus e em caso de necessidade, muitas vezes mais. Toda essa cobertura, feita inclusive com aviões e helicópteros, além do concurso de mateiros experimentados e treinados, moradores da propria região, nos asseguraram uma base de segurança que nos permitiu — creio eu — jamais ter de registrar qualquer incidente desagradavel com os indios. Êstes, tão logo atingimos o acampamento nas margens do Santo Antonio, entraram em contacto conosco e, por mimica, pois ninguem lhes entende a fala deram a entender que já nos vinham acompanhando pela mata, desde uns 20 quilometros antes. Eram de raça atroarí. Mostraram-se como aliós em todas as outras vezes que nos visitarm, cordeais e simpáticos, recebendo os nossos presentes e sempre fazendo questão de nos retribuir com outros presentes. A tal ponto chegaram as relações de cordialidade entre a nossa gente, que o nosso engenheiro de linha de frente, isto é, o que se encontrava no comando direto das operações dr. Claudio Marques, foi pessoalmente convidado pelo tuxáua "Maroaca", dos atroarís, para conhecer a maloca, essa mesma maloca que está sendo apontada como local do massacre que, no meu entender não ocorreu. Essa visita se concretizou no dia 15 de outubro, tendo o engenheiro Claudio Marques, em companhia do piloto Chediac pousado na maloca, com o helicóptero, oportunidade em que foram trocadas, entre indios e brancos, demonstrações cordeais de estima e apreço mútuo. Os indios receberam os brindes dos brancos e em troca deram flexas arcos e uma quantidade tal de bananas e beijús, que parte teve de ser deixada, por ultrapassar a capacidade de carga do helicoptero".

Nessa altura interrompemos o dr. Lorenzoni para dizer-lhe que segundo informações chegadas ao nosso conhecimento, "Maroaca" seria um elemento branco infiltrado entre os indios, de cuja influência maléfica teria resultado o massacre.

O engenheiro nega radicalmente essa informação:

— "Completamente falso. De acordo com o que me disse o engenheiro Claudio Marques, "Maroaca" é um indio não autentico quanto os demais atroarís que o cercavam:

— Mas o senhor acha que êsses indios, que no dia 15 de outubro dialogavam tão cordialmente com elementos brancos, poderiam em espaço de tempo tão curto depois, tirar a vida de varios civilizados?

— "Não afirmo nem nego. Os atroarís são de índole aparentemente pacifica, mas não arrisco os meus conhecimentos a respeito dêles, que não são profundos a ponto de afirmar que não sejam traiçoeiros e capazes de um emboscada. Consta-me que os atroarís teriam feito uma chacina, na região do Atumã, há muitos anos mas tudo não passou sempre de "ouvi dizer" dos relatores".

— Então o que acha o senhor que teria ocorrido com a Expedição do Padre Calleri?

— "Acho, em principio, que a expedição era falha na organização primeiro pela falta de cobertura logistica como tinham as operações da TRANSCON e segundo pelo número de participantes, que era dos mais reduzidos (7 homens e 2 mulheres)".

— Mesmo assim, acha o senhor que todos estariam mortos?

— "Penso que não. Se assim fôsse, onde está o rádio e o gerador de energia. que só uma das partes pesava 50 quilos?"

— Então o que teria acontecido? O que explicaria o desaparecimento dos expedicionários por tanto tempo?

— "O que pode acontecer é que a expedição estaria toda viva marchando sob guia dos indios na direção de outra maloca, ou então estaria perdida entre os rios Santo Antonio e Alalaú. Dois dias antes da partida da expedição, do acampamento de Santo Antonio conversei longamente com o padre Calleri. Êle me disse que desaprovava a maneira como as turmas de atração estavam distribuindo os brindes entre os indios. Essa distribuição segundo o sacerdote, deveria ser feita obedecendo a um criterio de méritos. O padre Calleri é um homem de grande coragem pessoal e com uma vocação muito aprofundada de solidariedade humana".

TERCEIRA MULHER DA EXPEDIÇÃO CHEGOU ATRAZADA E NÃO VIAJOU

APENAS porque chegou atrazada alguns minutos no ponto do encontro, dona Clara de Souza encontra-se hoje tranquilamente em Manaus, ela que poderia estar entre os integrantes da Expedição Calleri, indigitados como mortos pelos atroarís nas matas do alto Rio Negro.

Casada, mas estando separada do marido, dona Clara de Souza vive de preparar guloseimas, as quais vende para uma lanchonete localizada no Edificio onde está a agência da "Cruzeiro do Sul". Há tempos, foi procurada pelo padre Calleri, que convidou-a a tomar parte em uma expedição, convite a que ela aceitou prazeirosamente, na esperança, segundo conta de "ver os indios" e tambem de usufruir algumas outras vantagens que lhe foram acenadas pelo sacerdote, inclusive a de vir a ser nomeada, depois de um ano, para o Departamento Nacional de Estradas de Rodagem. De perigos dos riscos a correr, o padre não falou de nada e dona Clara de Souza se preparou, com a maior alegria do mundo, para a viagem que tanto fascinava o seu espirito.

No dia marcado para a partida, ela deveria, segundo o combinado dirigir-se para a residencia do expedicionário Alvaro Paulo (o que conseguiu escapar e que conta uma fuga mirabolante através das selvas), de onde deveria seguir, acompanhada pelo mesmo, para o aeroporto, onde tomaria o avião. Atrazando-se no entanto, ao chegar na casa em questão, já ali não mais encontrou Alvaro Paulo, por quem, apesar disso esperou pacientemente, julgando que o mesmo retornaria do aeroporto para busca-la.

E Alvaro Paulo não voltou tendo a expedição partido sem ela. Agora, entregue à leitura dos seus dôces e tira-gostos, dona Clara de Souza fica a pensar em qual teria sido o seu destino, não tivesse ocorrido o atrazo, no dia da partida. De uma forma ou de outra, ela levanta as mãos para o céu: abençoado atrazo.

FUNDAÇÃO DO INDIO ESTÁ SEDIADA ONDE NÃO EXISTEM SILVICOLAS

[illegible] a notícia dada em primeira mão pelo DIARIO DA TARDE, damos a seguir o telegrama enviado pelo governador Danilo Areosa ao Ministro Afonso de Albuquerque Lima, do Interior, sobre o massacre à Expedição chefiada pelo Padre Calleri:

"A Imprensa divulga que o Presidente da Fundação Nacional do Indio pedirá a Vossa Excelencia para interditar a região do Alalau onde ocorreu, segundo consta, massacre da expedição pacifica do Padre Calleri. A medida é absurda e altamente prejudicial aos interesses da Amazonia Ocidental e à Segurança nacional. Do mesmo modo que lamentamos o massacre dos indios não aceitamos, se confirmada a ocorrência, que episódios como êste se repitam com perda de vidas de civilizados. Somos favoráveis a que se modifique a atual politica de proteção ao indio transformando-o em ser humano útil à Pátria, embora conservando-o em seu habitat como uma das medidas da ocupação da Amazonia. A Fundação Nacional do Indio acha-se instalada onde não existem silvicolas, afastada, portanto da área de sua atuação não lhe permitindo sentir os problemas regionais e medidas devem ser adotadas para equacionar problemas comuns. Há [illegible] ser considerado que [illegible] áreas das [illegible] so Estado [illegible] exploraçã[illegible] incalculav[illegible] ta nacion[illegible] a captaçã[illegible] cursos pa[illegible] serviços p[illegible] a ampliaç[illegible] lar e serv[illegible] pero cont[illegible] atenção d[illegible] cia e seu [illegible] to patriót[illegible] nar defin[illegible] te o assu[illegible] nuidade o[illegible] da não d[illegible] a seguran[illegible] trabalhad[illegible] mento de Estradas Estadual deve ser dada pela Fundação Nacional do Indio".

Expedição de Meireles Não Estava Perdida